

Coletiva

# Agricultura Familiar no foco das atenções



**A**gricultura Familiar, por sua importância comercial e social, vem sendo alvo de estudos pela Rede de Desenvolvimento da Agricultura Familiar da Colônia Velha e de atenção por várias entidades representativas do setor. Na busca de alternativas para um desenvolvimento rural sustentável, algumas questões são unanimidade para quem atende a esse público: acesso à capacitação, políticas públicas específicas e união, tanto dos produtores, como das organizações que trabalham no setor. Com isso, o produtor poderá agregar valor à sua produção e, conseqüentemente, melhorar sua qualidade de vida com preservação ambiental.

Como chegar a isso? Para responder à questão, a Revista Extensão Rural e Desenvolvimento Sustentável convidou representantes de entidades ligadas aos produtores para uma conversa. Participaram o diretor

tesoureiro da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul (Fetag/RS), Amauri Miotto, o presidente do Sindicato e Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul (Ocergs), Vergílio Frederico Perius, e o representante da Rede, professor Luiz Villwock. A entrevista foi coordenada pela jornalista Raquel Aguiar, com a participação dos conselheiros da Revista, Ana Annoni, José Romualdo Ferreira e Luciano Clark de Almeida.

## **ER&DS – Como vêm a força da Agricultura Familiar na produção agropecuária no Rio Grande do Sul?**

**Miotto** – Hoje, 27% do PIB (Produto Interno Bruto) do Rio Grande do Sul vem da Agricultura Familiar e esse número por si só representa a importância desse setor. Sem falar do número de



empregos que gera. Por exemplo, multiplicarmos por três as 396 mil famílias atendidas pela Fetag no Estado, teremos mais de um milhão de pessoas diretamente envolvidas nesse segmento chamado Agricultura Familiar. Entendemos que esse é um dos segmentos que mais viabiliza o emprego e é o que temos de mais promissor para o futuro do RS e do Brasil. Apesar de todas as dificuldades do setor produtivo, percebemos que é na Agricultura Familiar onde temos mais esperança. Se olharmos o quanto cresceu esse setor, de 1996 a 2004/05, se percebe que, mesmo com muitas dificuldades, avançamos muito. A qualidade de vida desses agricultores tem melhorado muito nos últimos 12 anos. É evidente que a sociedade exige cada vez mais uma qualidade de vida superior, conquistada a partir de uma tecnologia que avança muito rápido. Entendemos que a Agricultura Familiar é uma área que tem futuro e precisamos trabalhar, certamente com muitas mãos, para encontrar os melhores caminhos, pois temos que estar preparados para sermos os melhores. Não devemos querer apenas ser o maior, mas termos qualidade de produção e profissionalismo, requisitos básicos para que o segmento se afirme dentro de uma sociedade que é tremendamente competitiva. Hoje, 89% do leite, milho 74%, soja 58%, aves 74%, suínos 71%, bovinos de corte 38%, fumo 97% da produção, estão nas mãos do agricultor familiar. No RS, a Agricultura Familiar que nós entendemos é uma agricultura muito desenvolvida e capaz. Temos o produtor que produz, que está qualificado e que faz girar a economia. O êxodo rural acontece quando o agricultor e seus filhos não têm nenhuma perspectiva e quando, por falta de incentivo, abandonam o campo e vão para as áreas urbanas.



*Amauri Miotto*

**Perius** – A Agricultura Familiar é a âncora do mercado interno. O Estatuto da Terra divide a área agrícola brasileira em três campos: colonial, empresarial e a latifundiária. Essa questão é fundamental porque tem a ver com a concessão de crédito rural, que são benefícios bem diferenciados para a Agricultura Familiar, mas isso não está bem claro na nossa legislação. Primeiro, porque não temos dados suficientes sobre esse segmento. Sem dúvida essa agricultura, em regime de Agricultura Familiar, segura a mão-de-obra. Além de reter as pessoas que trabalham na sua unidade familiar, retém também os vizinhos, principalmente com a agroindustrialização da produção. E a única maneira de se renovar a

**“A qualidade de vida desses agricultores tem melhorado muito nos últimos 12 anos”**



população rural é incentivando esse modelo. Se analisarmos o enfoque do crédito rural, quais são os produtos que hoje são privilegiados? São os que produzem os produtos da pauta de exportação, como a soja, o cacau, a cana-de-açúcar e o algodão, que recebem 70% do crédito rural brasileiro. O restante vai para a Agricultura Familiar.

**ER&DS – Diante desse quadro, o que o produtor pode fazer para se manter e melhorar a condição de trabalho?**

**Perius** – O produtor tem que se organizar em torno da agroindústria. Não adianta só produzir. O fator agregador de renda está na agroindústria. Se olharmos a geração de renda para o produtor rural, o que vem antes, bancos e insumos, não está na mão de produtor. A não ser agora, pelas cooperativas de crédito e pela produção de sementes. O que vem depois da porteira é o que gera maior renda, que é a industrialização, o beneficiamento e a comercialização. O produtor não pode se preocupar, sob ponto-de-vista da organização política dele, em apenas melhorar a produção e a produtividade. Assim, não vai melhorar a sua atividade. E isso é preocupante, principalmente com a vinda de empresas, como as de leite. Temos um complexo industrial que está por se instalar e vai necessitar da produção de 12 a 15 mil produtores de leite, mas sob o ponto-de-vista de inserção social isso não vai agregar renda ao produtor rural a médio e longo prazo. Pode dar uma inversão a curto prazo, trazendo novas tecnologias e fomentar, mas, e a longo prazo? A agroindústria não vai estar na mão dos produtores e é isso que importa. Não precisa necessariamente ser uma cooperativa, mas pode estar concentrado em pequenos projetos autogestionáveis. Não adianta incentivar o aumento de produção porque o resultado irá para outros grupos econômicos, que vão concentrando a renda. Temos que incentivar a organização de cooperativas ou outros tipos de associações para termos a agroindústria na mão do produtor. Sem a agroindústria, nós vamos ficar pobres, cada vez mais pobres. Podemos multiplicar por três a nossa produção agrícola, mas vamos continuar sendo pobres.



*Vergilio Frederico Perius*

**Miotto** – Temos a certeza de que o caminho é por aí: a agroindustrialização. Claro que a função primeira do produtor é produzir a matéria-prima, mas nem para isso ele está totalmente profissionalizado. Temos ainda uma quantidade muito grande de agricultores frustrados, que entraram na agroindústria pelo associativismo e por outros mecanismos de grupos e, por falta de qualificação e de conhecimento desse ramo, não se deram bem. Temos a certeza de que é um caminho a longo prazo, mas é um trabalho que exige cautela para não fazermos do agricultor um profissional disputando mercado, quando ele mal aprendeu a fazer o que o pai e o avô faziam. Temos que ter cuidado quando falamos em resolver o problema do agricultor familiar com a agroindústria.

**ER&DS – Nesse caso qual seria o caminho mais apropriado?**

**Miotto** - Precisamos trabalhar em três direções. A primeira é que, sem o cooperativismo, o associativismo, o sindicalismo ou alguma forma de socializar as pessoas, não será possível termos uma projeção de acerto. A segunda é a educação para o meio rural. A partir de 1965, o instrumento de educação para a juventude rural que funcionava bem eram os clubes 4-S. Não era uma escola formal, mas uma maneira de aprender. E essa juventude que desanima hoje não aprendeu desde criança a ser agricultor. A escola tradicional não está fazendo isso e não estamos achando uma escola

intermediária para assumir esse processo. A educação é fundamental para criarmos agricultores que tenham a capacidade de se associar, de produzir e de transformar também. Por esse caminho vamos começar a dar a volta por cima e talvez a industrialização, numa nova geração, possa acertar com muito mais eficácia. E a terceira é incentivar a permanência do jovem no campo. Mas, a renda baixa desanima muito os jovens, porque a falta de rendimento para os pais acaba influenciando na vida dos filhos e qualquer salário mínimo na cidade se torna mais atraente do que uma atividade rural. Mas aqueles agricultores que estão há muitos anos na atividade sabem que existe um período de crise de preços. Além disso, tivemos o problema no clima. Isso só reforçou esse desânimo que, acredito, é temporário. As pessoas que pensam no futuro estão vendo na agricultura uma alternativa para os filhos. Existe um clima de desespero, mas é de emoção e não de que não tem mais volta.

**ER&DS – A Rede de Desenvolvimento da Agricultura Familiar da Colônia Velha tem feito algumas pesquisas na área. Qual é o movimento observado hoje, no que diz respeito ao jovem rural?**

**Vilwock** – Nos preocupa fundamentalmente, enquanto entidade de ensino, o futuro desse modelo de produção muito focado na idéia de que o jovem está saindo do meio rural por falta de perspectiva para a sustentação do trabalho da sua família. Está havendo

um rápido envelhecimento desse agricultor, outro aspecto da pouca atratividade do segmento. Temos convicção de que realmente qualidade de vida é interessante, mas o jovem não percebe isso e as luzes da cidade são muito atraentes. Outra coisa verificada é que não só o jovem (homens) está saindo, mas as meninas também estão deixando o meio rural e isso é complicado. Percebe-se esse desencanto dos meninos em

**“As pessoas que pensam no futuro estão vendo na agricultura uma alternativa para os filhos. Existe um clima de desespero, mas é de emoção e não de que não tem mais volta”**

permanecer em uma região sem a perspectiva de formação de família. São fenômenos que estão acontecendo e de grande vulto que nos preocupam em como identificar alternativas para reverter esse processo ou, pelo menos, frear um pouco. Sabemos que no meio urbano esse imaginário não é tão real, tão presente, como já foi há algum tempo, quando a indústria absorvia essa mão-de-obra. Um dos grandes escoadouros dessa juventude era as fábricas de calçado, particularmente no Vale dos Sinos (uma das regiões de abrangência do projeto), mas com a redução econômica esses jovens não estão encontrando sustentação no meio urbano, está havendo um contra-movimento do fluxo. Fico preocupado em pensar que vamos atacar a consequência disso. Temos que atacar a causa. Devemos fazer com que o jovem que ainda está no campo se sinta valorizado pela sociedade. Outro problema é o conceito de Agricultura Familiar, que não aceita a idéia de um empresário rural, de uma agricultura empresarial ou do agronegócio, visto como capitalista e explorador. Acredito que uma propriedade familiar que vende a lingüiça, o arroz ou feijão para se sustentar está fazendo o agronegócio.



*Luiz Villwock*

Não devemos ficar presos ao termo como uma bandeira ideológica desse processo. O que é preciso, o que está sendo discutido, é que esse jovem, se não encontrar um meio de sustentação econômica, por mais que tentamos vender uma panacéia de que ele é muito bom, de que está vivendo bem, respirando ar puro e em contato com a natureza, ele não vai ficar na propriedade rural. Vai lá apenas por lazer, para visitar os pais no final de semana. Mas ele não vai encarar aquilo como o seu ganha pão, a possibilidade de manutenção da sua família.

**Perius** – Precisamos ver também por que o jovem vai para a indústria? Porque o nosso agricultor antigo não remunera o seu jovem que está na lavoura, não lhe dá dinheiro para passar o fim de semana. Já o pai que trabalha no comércio dá o dinheiro para o jovem fazer festa e comprar algumas coisas. Por isso eles querem ir para a indústria. Esta é uma questão cultural que tem que ser modificada.

### **ER&DS – O que fazer para viabilizar esse jovem no meio rural e minimizar esse movimento?**

**Vilwock** – Temos que trabalhar com todas as forças com associativismo e cooperativas. Somos competitivos e competentes e precisamos dos sindicatos e associações não-governamentais trabalhando e fazendo uma discussão profunda do processo. Precisamos fazer uma investigação idônea para realmente trabalhar com as questões técnicas, econômicas, sociais e ambientais. A sociedade em geral não está sendo hábil para mostrar a importância da agricultura para os municípios. Temos municípios da Região Metropolitana aonde o PIB chega a ser de 80%, oriundos da agricultura. Mesmo tendo essa importância econômica, as secretarias municipais recebem de 2 a 3% do orçamento do município. Não têm condições de manter um médico veterinário, um agrônomo, uma política de desenvolvimento. Mas, embora esteja pintando um quadro meio nebuloso, acho que estamos em uma curva de inflexão se nos organizarmos e trabalharmos juntos, afinando o nosso discurso e procurarmos as questões que realmente vão proporcionar uma virada. Temos que ter uma economia diversificada, com indústria, com tecnologia, informação e também com o metal-mecânico. Mas a agricultura jamais pode perder a importância que representou no passado e que representa no presente e que, certamente, vai representar no futuro. Temos que discutir coisas viáveis. Se não forem viáveis será apenas discurso.

**Perius** – Temos que observar também o porquê do jovem estar retornando para a agricultura. São duas questões. Uma delas é pela dificuldade urbana hoje, com desemprego e falta de expectativa. A segunda é pelas políticas públicas para o campo como o crédito fundiário. Hoje esse jovem acessa recursos para a compra de terra, para estruturação da propriedade, para plantar, o que não acontecia há muito tempo. Esses instrumentos de ajuda política fazem com que o jovem tenha as possibilidades de retornar e de se viabilizar. Temos alguns casos de pessoas que voltam com muito mais garra e vontade

de vencer, até porque aprendem muita coisa na cidade e se desenvolvem intelectualmente e, com isso, têm a possibilidade de se dar melhor naquilo que vai exercer. O agricultor está se qualificando mesmo que o que está aprendendo não seja específico para a atividade agrícola. Isso ocorre desde que tenha os mecanismos de retorno que é a terra, o crédito e o acompanhamento técnico. E já temos algumas experiências que estão dando certo no que diz respeito a valorização do jovem produtor e da aplicação de políticas públicas simples. Em Tupandi, uma experiência demonstrou isso. Uma pré-condição foi fixada em cláusula contratual da empresa integradora de frango, de que os pais remunerassem os filhos que trabalhavam na lavoura. Assim eles começaram a voltar para a propriedade porque tiveram incentivos, viram a renda e a possibilidade de ter uma parceria no negócio dos pais. E em São Luiz Gonzaga pequenas atividades e incentivos, como o empréstimo de máquinas para lavrar a terra, onde o agricultor só paga o óleo, as telhas para a construção de um novo aviário, com contrapartida do produtor, constituindo um fundo municipal para a agricultura, como poucos municípios têm, os produtores estão agregando à produção. As políticas públicas, seja do Estado, seja da União, ou dos pequenos municípios, podem ajudar e muito.

**Vilwock** – O tema crédito é muito importante principalmente se pensarmos no cenário internacional. Temos que olhar as negociações internacionais, que prevêem instrumentos de políticas agrícolas, aceitas pela comunidade internacional, chamados de políticas de caixa verde, que permitem ao país associado à Organização Mundial de Comércio (OMC) investir o recurso que for preciso para sustentação da sua sociedade, desde que não cause impacto desleal no mercado internacional. O universo da Agricultura Familiar voltado para a segurança

alimentar tem um lócus aceito pela comunidade internacional como uma política compensatória onde, por exemplo, manter o idoso em uma propriedade rural é mais barato de que colocar ele em uma geriatria na cidade.

**ER&DS – Que tipo de política deveríamos ter para a Agricultura Familiar de subsistência e que não está voltada somente para o mercado?**

**Miotto** – Tem uma camada de agricultor familiar que está sobrevivendo e mau. Essa camada, se não tiver política pública de apóio de forma subsidiada ou de outras maneiras, não vai ter como se estabelecer. É o favelamento rural, porque não existem mecanismos para o cidadão se desenvolver. Nós, como entidade, sempre soubemos da necessidade de políticas diferenciadas para esse público, porque cada um dos elos da Agricultura Familiar tem uma situação diferenciada. O que está bem embaixo só tem um pedacinho de terra, mas não tem profissionalização, não tem mecanismos econômicos e não vai conseguir produzir para o mercado. Mas ele tem que ser levado a produzir. Senão, vamos concordar que ele é um favelado e continuaremos dando comida pra ele o resto da vida. Não é por esse caminho que o mundo anda. Temos que achar políticas educacionais, econômicas

e conduzir ele para ser um produtor de alimentos para subsistência e para o mercado, dentro da sua realidade e possibilidade. Todo o agricultor com qualificação profissional, com estímulo e mecanismos que o apõem, com certeza vai se dar bem. Não podemos concordar que não tenha alternativa na roça onde mora. Não podemos simplesmente pegar ele e transferir para uma atividade urbana. Assim a gente condena

esse cidadão para o resto da vida. E como a Agricultura Familiar produz muito para o agronegócio, temos que estar abertos para isso e temos

**“Isso ocorre desde que tenha os mecanismos de retorno que é a terra, o crédito e o acompanhamento técnico”**

que ter especialistas em mercado internacional para nos dar os rumos por onde andar e enfrentar as barreiras existentes lá fora. Temos que estar articulados para essas questões e construir, junto com o governo, as políticas externas. Os europeus mantêm os subsídios e temos que aprender com eles. Mas o grande campo que temos que trabalhar com força é a formação profissional do nosso jovem, para fazermos a revolução de uma agricultura competitiva.

**Perius** – Precisamos também de novas escolas agrícolas. As 60 escolas agrícolas de esfera municipal, estadual e federal estão quase que completamente abandonadas, com raríssimas exceções. Algumas estão apenas andando. A maioria está sem professores, sem tecnologia. A escola agrícola tem uma função educacional fundamental porque ela retém o jovem todo o dia e isso é fundamental até para os pais. Ela faz a diferença. É a educação para uma profissão. Se tivéssemos a escola profissionalizante no meio da agricultura, para manter o jovem lá, os valores desse meio seriam mantidos. Se não visarmos a uma política realmente forte e tivermos 200, 300 escolas agrícolas profissionais só no RS, nada vai acontecer de mudança substancial em termos de profissionalismo.

**Vilwock** – Defendo a educação em nível de 3º grau. Todo o pequeno produtor jovem tem que ter uma visão sistêmica para entender a complexidade do segmento onde ele está inserido e, para isso, a universidade pode contribuir fortemente. Mas enfrentamos barreiras dentro das próprias instituições. Quando tentamos fazer cursos tecnólogos em agronegócio alguns dizem: isso é um segmento atrasado da nossa economia e tem de ser abandonado porque o bom é informática, eletroeletrônica, energia nuclear. Outro problemas são as escolas agrícolas estão com uma visão produtivista de agricultura intensiva. Fomos ensinados a fazer fórmulas de adubo. Temos que diminuir a importância da

produção e da produtividade. Não se admite uma vaca produzindo dois litros de leite, mas vamos ter que trabalhar fortemente com a idéia de gestão e de olhos

para o mercado. Não vou produzir bergamota e rabanete porque acho bonito ou porque o meu pai fez. Vou produzir porque o consumidor quer aquele produto. O produtor tem que ter inteligência e visualizar o mercado. Temos que profissionalizar as relações de troca entre os elos da cadeia porque isso beneficia a agroindústria, o varejista e a dona de casa. Precisamos trabalhar com gestão, com

profissionalismos e o modelo de ensino que temos é produtivista e já não serve mais. A grande maioria dos produtores não sabe vender e por isso os integrados estão funcionando, porque é a industria que está fazendo a venda. É o modelo ideal? Não é, mas é o que está existindo. Hoje temos um setor público que está isolado e que fala muito pouco ao setor produtivo. Temos as organizações e uma universidade afastada. Pregamos o associativismo da juventude e nós (entidades) não fazemos isso. Não sabemos negociar um planejamento estratégico que veja o mercado internacional, por exemplo. Se não tivermos a noção do nosso valor, do nosso tamanho, seremos um gigante bobo.

**ER&DS – Como vêm a Agricultura Familiar inserida na discussão sobre o tema Segurança Alimentar?**

**Miotto** – A Segurança Alimentar vai além. Vai estar na viabilidade ou não da Agricultura Familiar que, por natureza, é produtora de alimentos e poderá agregar outras façanhas, como a bioenergia. Mas, Segurança Alimentar passa pela agroindustrialização. Temos que ter um período de transição. O integrado foi o que mais se viabilizou, porque existe uma dificuldade justamente da porteira pra fora. Onde resolvermos a qualificação, a especialização, mecanismos de acesso a informações,

**“Todo o pequeno produtor jovem tem que ter uma visão sistêmica para entender a complexidade do segmento onde ele está inserido”**

vamos estar avançando no processo de o agricultor familiar assumir a agroindústria. Temos que garantir a segurança alimentar fazendo com que todo o agricultor que tenha o seu pedaço de terra possa produzir bem e de forma adequada com a sua realidade. A Segurança Alimentar passa pela discussão do modelo de produção que temos na nossa propriedade. A inviabilidade se dá pela aplicação do modelo errado. Temos que ter um planejamento microrregional para que as propriedades possam se adequar a um modelo lógico e, aos poucos, ir saindo do modelo tecnológico de importação de matéria-prima. À medida que construirmos um novo modelo, as propriedades serão auto-sustentáveis, aproveitando a matéria-prima da propriedade. A revolução vai se dar pela qualificação do nosso jovem, que será o agricultor de amanhã. Precisamos trabalhar a família para que aceite a qualificação do jovem, porque um dos grandes problemas é pegar e levar para a propriedade o que o jovem aprendeu na escola. Pode dar até divórcio. Temos que levar essa construção da formação junto com a família para ela aceitar o novo. Esse é o processo. E nós vamos sim ter segurança alimentar e vamos estar com segurança nesse campo, porque temos gente que quer fazer. De fato temos que trabalhar juntos, nós universidades, sindicatos, cooperativas e outros. É o que nós precisamos é arrumar.

**Perius** – Reforço a importância da agroindústria como uma forma de produzir. A escola agrícola já deve ensinar isso. Quanto mais industrializamos a matéria-prima no mercado interno, mais próximo estaremos dos consumidores, portanto, estaremos no mercado consumidor brasileiro, que é monstruoso. O produtor tem que se organizar, se profissionalizar, mas tem que avançar pra fora da porteira. Ele não pode se limitar a produzir alimentos para outras empresas fazerem a industrialização por ele. O produtor não deve ficar na propriedade. Ele tem que chegar ao mercado, ao

consumidor. Essa passagem se dá em quatro fases: produzir, industrializar, comercializar e chegar no mercado. Somente aí o produtor vai ter renda agregada. Se ele não colocar a agroindústria na sua mão, ele vai continuar trabalhando para os outros.

**Vilwock** – Boa parte da população reside na área urbana e não tem a dimensão do que representa essa Agricultura Familiar para nossa segurança alimentar, para a questão ambiental e para a qualidade de vida como um todo. E também devemos discutir essa aversão do pai pelo novo que o filho quer colocar em prática. Se o filho fizesse medicina ou engenharia, o pai seria o homem mais orgulhoso do mundo. Precisamos de pessoas que conheçam a lógica de estrutura familiar para mexer com esse importante embate. Temos que ver a questão de gestão com pessoas que conheçam de organização, de contabilidade, de planejamento estratégico, para podermos responder “para onde eu vou, qual é o meu papel”. Nós temos um modelo assistencialista nesse país, mas não basta

**“Quanto mais industrializamos a matéria-prima no mercado interno, mais próximo estaremos dos consumidores”**

colocarmos o dinheiro fácil na mão das pessoas. Isso é uma armadilha perigosa. Nós temos que conquistar esse dinheiro. Ele não deve vir de graça, não tem dinheiro barato para ninguém. Um exemplo é a agroecologia, que é um nicho a ser explorado. Se a mãe quer oferecer um produto mais saudável para o filho, ela vai pagar por isso. É agregação de valor. Mas o produtor tem de ter consciência disso. Tem que conscientizar a população urbana sobre a importância da agricultura para se ter segurança alimentar. Temos que fazer uma política muito complexa e integrada entre as entidades, um verdadeiro plano de guerra. Temos uma juventude que, se for colocado um discurso correto, ela responde, faz acontecer, mas temos que ser contundentes e dizer a coisa certa. O país só vai

crescer com gente que tenha dignidade e responsabilidade.

**ER&DS – Muitas vezes os senhores se referiram à organização dos produtores e entidades. Esse é o caminho para a Agricultura Familiar?**

**Perius** – Quanto mais o produtor se organizar em cooperativas, mais o Estado será beneficiado. Hoje há uma informalidade muito grande e isso gera sonegação fiscal. Em uma pesquisa realizada em 37 cooperativas do complexo rural foi verificado que, tendo o mesmo treinamento, o mesmo clima, povo, a mesma cultura, preços, conjuntura econômica, algumas cooperativas estão muito bem e outras, muito mau. Qual é a diferença? A gestão. Se isso vale para gerir as cooperativas, também vale para administrar da propriedade pra dentro. O diferencial é o gestor. O que devemos fazer a curto, médio e longo prazo? A curto prazo, discutir a questão. A médio, trabalhar a questão educacional profundamente, discutir o modelo de gestão e de agroindústria, implantar o crédito produtivo e terminar com o especulativo. E a longo prazo, devemos estudar os cenários dos nossos mercados. E a universidade pode ajudar nisso. O produtor não tem a capacidade de, a longo prazo, ver quais são os cenários que se apresentam e a universidade tem papel fundamental para visualizar esse quadro.

**Miotto** – É importante o diálogo. Temos na Agricultura Familiar um potencial enorme nesse país como para a segurança alimentar, produzir alimentos, gerar riquezas e empregos, para que se tenha uma qualidade de vida melhor. Estamos no meio de uma caminhada muito importante. Eu estou satisfeito de ser agricultor hoje porque se tem uma expectativa de que a agricultura não é a última roda da carroça. Ela passou a ser uma das rodas de carroça que puxa essa sociedade. Hoje, em todos os segmentos da sociedade,

ouvimos falar sobre a agricultura familiar, coisa que não existia há uns 10 ou 15 anos, quando éramos os pequenos sem expressão. Hoje somos “os Agricultores Familiares”. Estamos no meio da caminhada. Agora, ou nós caminhamos mais rápido ou vamos parar no estágio em que estamos. Temos que ter cuidado na construção de políticas educacionais, econômicas ou cooperativistas. Temos bons exemplos de novos formatos de educação rural que estão dando certo. Precisamos de um projeto de sociedade sem ideologia partidária.

**Vilwock** – A universidade está tentando fazer essa aproximação entre as entidades e está consciente das suas responsabilidades. Sabemos que o desafio é enorme, mas já avançamos bastante. Estamos tendo uma visão muito mais clara do tamanho dos nossos desafios. Temos que pensar grande. O pequeno produtor não pode pensar pequeno. Ele tem de pensar grande, ter ambição, visão de mercado, inteligência, trabalhar com as entidades. Temos que pensar em semear para daqui a 10, 15, 20 anos. Temos as sementes, os insumos

**“O país só vai crescer com gente que tenha dignidade e responsabilidade”**

nas mãos, que são essa menina que está aí e que serão os profissionais daqui a 20, 30 anos. Isso é uma responsabilidade enorme porque será a consequência do nosso trabalho hoje. E estamos mais espertos, mais atentos a uma realidade que mudou. Não mais assistencialista, mas sabendo quais são as nossas obrigações. Temos que ampliar o

nosso diálogo, reduzirmos as nossas ideologias, no sentido de buscar um melhor consenso, respeitando as individualidades e particularidades. Mas não vamos fazer nada se não agirmos de forma integrada, dialogando, negociando e chamando a sociedade para esse tipo de coisa.